

## LENDO J.M. COETZEE

Mariana Lessa de Oliveira (UFRGS)<sup>1</sup>

**ROSENFELD, Kathrin H.; PEREIRA, Lawrence Flores (Orgs.). *Lendo J.M. Coetzee*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015. 320p.**

O universo de J.M. Coetzee tornou-se disponível ao público brasileiro pela primeira vez em 2000 com a tradução do romance *Desonra* pela Companhia das Letras. Esse universo, à primeira vista, parece englobar histórias individuais que, aos poucos, assumem um caráter extremo, levando a narrativas a reflexões densas sobre tópicos como trauma, violência, moral, ética, entre outros. Não é à toa que Coetzee chamou a atenção da crítica e tornou-se o primeiro escritor a ganhar duas vezes o prêmio literário Man Booker Prize: em 1983, por *Vida e Época de Michael K.*, e em 1999, por *Desonra*, obra que em 2008 ganhou as telas de cinema com a adaptação de Steve Jacobs, estrelada por John Malkovich. Em 2003, Coetzee conquistou o Nobel de Literatura. Segundo a academia sueca, Coetzee nunca usa a mesma receita para seus livros, garantindo à sua obra uma grande variedade. Tal variedade, e pode-se dizer inovações, foi trazida com exclusividade para o público brasileiro em 2007 quando Coetzee, que não gosta de responder a perguntas do público e não costuma aceitar convites para eventos literários, aceitou fazer uma leitura de seu livro na Flip no Rio de Janeiro, livro que na época ainda não havia sido publicado em lugar algum do mundo, o *Diário de Um Ano Ruim*, uma obra cuja estrutura narrativa e simplicidade de apresentar assuntos densos e complexos apresenta a maestria do escritor sul-africano. *Diário de Um Ano Ruim*, publicado em 2008 no Brasil, deu origem ao evento “O Mal-estar na Cultura”, uma leitura entre o livro e o texto freudiano de mesmo nome, organizado em Porto Alegre pela Prof. Kathrin Rosenfeld do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esse evento deu início a uma série de leituras e diálogos sobre a obra do escritor sul-africano, e foi a partir deste de evento que surgiu a coleção *Lendo Coetzee*, de 2015, publicado pela Editora da UFSM, composto por mais de 10 ensaios de pesquisadores estrangeiros e brasileiros.

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras pela UFRGS. E-mail: [aine.lessa@gmail.com](mailto:aine.lessa@gmail.com).

Coetzee não é um escritor que se pronuncia abertamente sobre eventos políticos e sociais, embora sua obra contenha traços da história sofrida da África do Sul. A maneira do autor de abordar essas questões é através da literatura e da dedicação à escrita. Para os organizadores dessa coleção, “é esta vida de escritura que o atual volume evoca em suas diversas formas e variações” (Rosenfield; Lawrence 2015: 10) Os ensaios, assim como a obra de Coetzee, focam em assuntos variados oriundos da capacidade da obra coetzeeana de “mostrar uma nova perspectiva sobre fatos conhecidos e até mesmo teoricamente explorados” (Rosenfield; Lawrence 2015: 9), desde questões sobre o trauma e a violência, a (a)moralidade do desejo, velhice, as vidas dos animais, até autoria e autoridade, entre outros. Os ensaios, alguns traduzidos exclusivamente para essa coleção, apresentam uma vasta leitura da obra de Coetzee, abrangendo análises não só sobre os livros de Coetzee, mas também uma entrevista com um importante pesquisador, David Attwell, autor do influente *Doubling The Point*, livro que estabeleceu grande parte do pensamento crítico voltado à obra de Coetzee.

A coleção abre com o ensaio do conterrâneo de Coetzee, o pesquisador Derek Attridge, que aborda a representação literária do trauma da violência sul-africana em *Age of Iron* de Coetzee, traduzido exclusivamente para esta coleção pelas professoras Adriane Veras (UVA) e Rosalia Garcia (UFRGS). O objetivo de Attridge nesse ensaio é analisar o modo como se faz a representação na literatura de experiências traumáticas vividas historicamente, não necessariamente delimitando em um lugar e tempo específico o evento representado. Para Attridge, o romance de Coetzee possui precisão histórica o suficiente para funcionar como um relato eficiente dos eventos violentos relatados em *Age of Iron*, mesmo se o evento histórico nunca foi explicitamente evocado na narrativa, o trauma é acionado nas memórias dos leitores. Attridge já abre a porta para a discussão da relação entre a representação da experiência individual, no caso da Sra. Curren sobre a violência nas favelas no livro acima mencionado, e a precisão do evento relatado. Segundo Attridge, “é possível ser preciso e ainda assim fracassar na tarefa de representação responsável” (Attridge 2015: 23), o que nos leva à reflexão proposta por Kim Worthington em seu ensaio sobre biografia, autobiografia e a autobiografia-do-outro na análise do livro *Foe*, que narra a história de Susan, uma naufraga que contrata um *ghost-writer*, Foe, para escrever um livro a partir de seus relatos de sua experiência na ilha, envolvendo-os em uma ambivalência da ambição artística do escritor e a experiência de quem realmente viveu a situação, a linha que separa a ficção e a realidade.

Para Coetzee, questões como ficção, realidade e, mais importante ainda, a verdade, dependem do contexto e do ponto de vista, sendo impossível chegar a um conhecimento objetivo dos fatos e de nós mesmos. Assim, o limite entre biografia, autoficção e autobiografia fica fragilizado diante da inadequação inerente a qualquer representação que tenha como objetivo apresentar uma faceta *verdadeira* de um dado sujeito. Este assunto é o foco dos ensaios de Maria da Glória Bordini e James Meffan, que concentram suas análises no romance *Verão*, livro em que um entrevistador busca pessoas que conheceram John Coetzee em diferentes épocas de sua vida, construindo uma imagem dele a partir desses relatos e distorcendo a imagem do autor do livro. J.M. Coetzee frequentemente brinca com a questão de autor e autoria. No discurso feito aos graduandos da Universidade de Princeton em 1999, Coetzee

surpreendeu a todos ao ler *A Vida dos Animais*, uma das palestras de Elizabeth Costello, personagem recorrente das narrativas de Coetzee, em que ela argumenta que na produção industrial de carne fazemos parte de um empreendimento de degradação, crueldade e assassinato. Não é à toa que Costello aparece na porta de Paul Rayment, o homem lento que perde uma perna em um acidente de bicicleta e possui uma paixão pela mulher que cuida dele. Costello entra na casa de Paul, passa a viver em seu quarto vago e diz que foi ele que veio até ela e que ela não tem ideia para onde eles irão a partir dali. Adriano Schwartz analisa as relações ficcionais entre a realidade e o realismo comparando *Diário de um ano ruim* a *Homem Lento* e *Elizabeth Costello*, a chama “ficção do não ficcional” que flui pelo estilo narrativo de Coetzee, como proposto por Schwartz.

Na coleção, sem dúvida, a obra de Coetzee mais analisada é *Disgrace*, romance responsável pelo segundo Booker Prize de Coetzee. *Desonra* é abordado em cinco ensaios, e examinado a partir de várias vertentes de análise, que englobam questões como ambiguidade moral, o contexto em torno de sua publicação e a política de censura na África do Sul, a amoralidade do desejo e a moral do direito. *Disgrace*, como bem apontam os organizadores na apresentação do volume, pode ser traduzido de duas formas: *desonra* ou *desgraça*. Essa ambiguidade da palavra em inglês é bem explorada nas duas partes que compõem o romance, protagonizado pelo professor universitário David Lurie, que seduz uma aluna após perder contato com a garota de programa. Lurie é acusado de assédio, e resolve não se defender da acusação. Em contrapartida, ele decide se refugiar na casa de campo de sua filha, Lucy, cenário que abriga a discussão sobre as consequências do *apartheid*. Embora Lurie consiga receber sua acusação e decida se isolar para sofrer a penitência de seu ato, os problemas que envolvem a África do Sul não deixam seus moradores em paz. Em meio ao aparente desenvolvimento que ocorre na fazenda de Lucy, as coisas mudam quando seu ajudante Petrus compra metade de seu terreno e Lucy se vê precisando mais e mais de sua ajuda e proteção. Para complicar a situação, a fazenda é atacada, Lurie é agredido e Lucy estuprada; no entanto, ela se recusa a prestar queixa, pois descobre que um dos estupradores é parente de uma das esposas de Petrus, fechando o círculo da desgraça e da desonra, do silêncio que engloba os traumas da violência sul-africana que, independentemente de serem representados explicitamente, latejam na memória da nação. *Desonra* é um texto riquíssimo, e é explorado amplamente na coleção. Um dos ensaios a respeito dessa obra é de autoria de uma das organizadoras da coleção, a prof. Kathrin Rosenfield, que aborda a maneira como Coetzee trabalha com a narração sobre fatos históricos no momento em que eles estão ocorrendo e como sem mencioná-los abertamente, o autor consegue, através da literatura, distanciar a narrativa dos acontecimentos noticiados no país. Segundo Rosenfield, “Coetzee distancia-se da dramatização da violência, concentrando seu foco sobre sua elaboração imaginária” (Rosenfield; Lawrence 2015: 102). No entanto, o African National Congress (ANC) criticou a obra, afirmando que vários trechos do livro apresentavam preconceitos raciais. Kathrin Rosenfield desdobra a questão de realidade histórica e ficcional, os deslizos do foco narrativo, a opacidade de conflitos sobrepostos, e os conflitos geracionais da narrativa de *Desonra*. Os ensaios sobre *Desonra* formam uma sintonia única na coleção. Logo após o ensaio de Rosenfield, Ian Glenn, outro texto traduzido exclusivamente para a



coleção por Elaine Indrusiak, começa um surpreendente ensaio cujo objetivo é apresentar a obra sob um viés de manifesto sociológico e cultural e parte para a descrição de seu contato com um David Lurie, fotógrafo documental que registra, entre vários assuntos, a realidade de trabalhadores rurais negros na África do Sul. Na mesma linha de Rosenfiel, Glenn trabalha a questão da realidade e da ficção, e até que ponto devemos ignorar, ou não, as conexões que o romance possui com a realidade sul-africana, inclusive no que tange a nomes e lugares, e não só a questões políticas e históricas. Lawrence Flores Pereira, um dos organizadores da coleção, também aborda o romance *Desonra*, mas dedica sua análise às discussões “inflamadas” relacionadas à publicação da obra, e não à análise da narrativa, mostrando mais uma vez como os ensaios sobre *Desonra* criam uma conexão entre si, apresentando a amplitude de discussões suscitadas por um dos romances mais conhecidos e importantes de Coetzee em termos de narrativa, percepção histórica e publicação. O quarto ensaio, escrito por Rejane Pivetta de Oliveira, aborda o mal-estar da cultura e a ética da linguagem na obra *Desonra*, tratando da evasão de sentido das palavras que perderam o vínculo com a experiência vivida, e a ausência de explicação para os dilemas estéticos, éticos e morais que o romance apresenta. O quinto e último ensaio a abordar *Desonra* é de André Klaudat, que analisa a obra sob o viés da amoralidade do desejo. Klaudat conduz um ensaio filosófico a respeito da questão da (a)moralidade do desejo em contraponto à “natureza” byroniana de Lurie no romance. Klaudat apresenta pontos filosóficos importantes a serem considerados ao analisar a questão de moralidade nos pensamentos e ações dos personagens em *Desonra*, fechando o ciclo de ensaios sobre o romance na coleção *Leno J.M. Coetzee*.

O volume ainda conta com análises sobre velhice, sobre as consequências políticas e culturais da globalização e sobre as cenas da vida animal na obra de Coetzee, tema de muita importância dentro e fora da obra de Coetzee que, como mencionado acima, apresentou em Princeton uma das palestras de Elizabeth Costello, autora ficcional do livro *A Vida dos Animais*, que foca na discussão sobre a vida animal e apresenta questionamentos a respeito da participação que temos na matança de animais para fins comerciais. Além dos ensaios, a coleção traz uma entrevista de Elleke Boehmer com David Attwell, autor do influente *Doubling The Point*, ainda sem tradução para o português brasileiro.

Autor de ensaios literários, críticas literárias e romances, J.M. Coetzee é um escritor que frequentemente inova nos mecanismos narrativos de seus romances, e eles podem ser traçados abertamente em sua obra, estabelecendo uma espécie de jogo entre a narrativa e o leitor. O autor estimula e contesta as diversas leituras de suas obras e é graças a essa maestria que seus romances permanecem abertos a tantas interpretações. Sem dúvida, Coetzee é um dos maiores nomes da literatura mundial. Além disso, ele é um forte pensador sobre a condição humana e a literatura, e esta coleção é inegavelmente uma adição única à bibliografia crítica de sua obra no Brasil e abre portas para a introdução de estudos críticos da obra coetzeeana para o público acadêmico brasileiro.

## REFERÊNCIAS

ATTRIDGE, Derek. Para falar dessa ferida seria preciso a língua de um deus: sobre a representação do Trauma da Violência da Township. In: ROSENFELD, Kathrin H.; PEREIRA, Lawrence Flores (Orgs.). *Lendo J.M. Coetzee*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015.

ROSENFELD, Kathrin H.; PEREIRA, Lawrence Flores (Orgs.). *Lendo J.M. Coetzee*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015. 320p.

---

RESENHA RECEBIDA EM 29/02/2016 E APROVADA EM 22/04/2016